



## Uma experiência didático-pedagógica interdisciplinar na disciplina de Conteúdos, metodologias e práticas do ensino de Geografia

*Vitória de Vasconcelos Quezado*

Universidade de Pernambuco – UPE, Petrolina - Brasil

*Genilda Maria da Silva*

Universidade de Pernambuco – UPE, Petrolina - Brasil

*Odair França de Carvalho*

Universidade de Pernambuco – UPE, Recife - Brasil

### RESUMO

O processo formativo de pedagogos passa por mudanças advindas do processo de transformação social, as quais vislumbram a melhoria do exercício docente desse profissional que atua/atuará em espaços escolares e não escolares. Assim, defende-se, que por meio do *quefazer* interdisciplinar é possível contribuir para a formação docente desse sujeito em seus múltiplos aspectos. Nesse sentido, objetiva-se refletir sobre as vivências, transformadas em experiências, vividas no 6º período de Pedagogia, a partir dos debates oportunizados na/pela disciplina de Conteúdos, metodologias e práticas do ensino da Geografia, na Universidade de Pernambuco (UPE) – *Campus* Petrolina, a partir de um relato de experiência de abordagem qualitativa. Os resultados revelam que a disciplina de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental contempla a realização de saberes-fazer interdisciplinares. Por isso, conclui-se, enfatizando ser imprescindível que o pedagogo compreenda os princípios que concernem à interdisciplinaridade, a fim de poder contribuir para a formação holística do sujeito.

Palavras-chave: geografia; interdisciplinaridade; processo formativo; vivência/experiência.

### AN INTERDISCIPLINARY DIDACTIC-PEDAGOGICAL EXPERIENCE IN THE COURSE “CONTENTS, METHODOLOGIES, AND PRACTICES OF GEOGRAPHY TEACHING”

The education of pedagogues has undergone transformations driven by broader social changes, which demand the continuous improvement of teaching practices in both school and non-school contexts. From this perspective, interdisciplinary approaches are considered essential for enhancing teacher education in its multiple dimensions. This study aims to reflect on the experiences developed with undergraduate students in the sixth semester of a Pedagogy program, based on activities carried out in the course “Contents, Methodologies, and Practices

of Geography Teaching” at the University of Pernambuco (UPE), Petrolina Campus. The research is characterized as a qualitative experience report grounded in classroom practices and academic discussions. The findings indicate that Geography teaching in the early years of Elementary Education benefits significantly from interdisciplinary knowledge and practices. It is concluded that understanding the principles of interdisciplinarity is fundamental for pedagogues, as it enables them to contribute to the comprehensive development of learners.

Keywords: geography; interdisciplinarity; training process; experience/experience;

## UNA EXPERIENCIA DIDÁCTICO-PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINARIA EN LA ASIGNATURA CONTENIDOS, METODOLOGÍAS Y PRÁCTICAS DE LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

### RESUMEN

El proceso de formación de pedagogos ha experimentado transformaciones derivadas de cambios sociales más amplios, que exigen la mejora continua de la práctica docente en contextos escolares y extraescolares. Desde esta perspectiva, se sostiene que el trabajo interdisciplinario constituye una vía fundamental para fortalecer la formación docente en sus múltiples dimensiones. En este sentido, el objetivo de este estudio es reflexionar sobre las experiencias desarrolladas con estudiantes del sexto semestre de la carrera de Pedagogía, a partir de las actividades realizadas en la asignatura Contenidos, metodologías y prácticas de la enseñanza de la Geografía, en la Universidad de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina. La investigación se configura como un relato de experiencia con enfoque cualitativo, fundamentado en prácticas pedagógicas y debates académicos. Los resultados evidencian que la enseñanza de la Geografía en los primeros años de la educación primaria se ve favorecida por la integración de saberes interdisciplinarios. Se concluye que la comprensión de los principios de la interdisciplinaria resulta fundamental para la formación del pedagogo, en la medida en que posibilita contribuir al desarrollo integral de los estudiantes.

Palabras clave: geografía; interdisciplinaria; formación docente; relato de experiencia.

### 1 REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

*Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros (Freire, 2021, p. 42).*

Aporta-se nesse pensamento do autor para enfatizar que, de fato, uma prática docente subsidiada por um *quefazer* educativo-crítico é revestida de complexidades, principalmente quando a mediação do processo de ensino-aprendizagem se refere ao ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma disciplina considerada como irrelevante para a formação humana, dada a importância que se atribui às disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática nas avaliações externas.

Ainda com base na reflexão de Freire (2021), destaca-se que se a disciplina de Geografia for compreendida pelos profissionais da educação, pelos pedagogos e se for ensinada de forma crítico-reflexiva, certamente a ação educativa consistirá em um processo no qual alunos e professores poderão vivenciar uma experiência profunda com o ensinado e com o aprendido, sendo capazes de pensar e transformar sonhos e realidades (Freire, 2021).

Assim, defende-se que por meio da interdisciplinaridade, o processo de mediação do ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia possibilitará ao ser aprendiz compreender o mundo à sua volta, percebendo-se, principalmente como sujeito desse mundo. A partir desse *quefazer*, o docente/professor contribui para que o aluno desenvolva seu senso de reflexão, de imaginação, de criticidade, de desejo de mudança, pois consegue ler o mundo e compreendê-lo em suas entrelinhas.

Esse diálogo converge com o ponto de vista de Larrosa Bondía (2002), quando destaca que a experiência atua como uma ação que adentra profundamente ‘a alma’ do ser que a vivencia. Discorre-se então, que subsidiada pelo interdisciplinar, a ação de ensinar e de aprender constitui-se como um processo que além de penetrar a alma, potencializa, sobretudo, a compreensão e a formação holística, ontológica e gnosiológica do ser.

Isso posto, ressalta-se que o desejo para discutir sobre essa temática partiu das ações provocadas no decorrer do processo de ensino-aprendizagem na disciplina “Conteúdos, metodologias e práticas do ensino de Geografia”, no curso de Pedagogia, da Universidade de Pernambuco - UPE, *campus* Petrolina. Outro aspecto que provocou esse debate, que ora se constrói com este texto, aconteceu no decorrer da matrícula desse componente curricular, o qual suscitou preocupações, inquietações e reflexões a respeito do que seria ensinado e de como a prática docente seria exercida no decorrer da disciplina.

Sabe-se, que os conteúdos da malha curricular da Geografia são deixados em segundo plano dentro do processo educativo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois normalmente, há uma despreocupação com esse ensino em toda a Educação Básica, devido à falsa ideia de que somente a Língua Portuguesa e a Matemática possuem os conteúdos essenciais à formação da pessoa. Esse ideário alimenta a manutenção da política de resultados (Marinho; Leite; Fernandes, 2019).

Esclarece-se que essa ideologia está fundamentada no pensamento neoliberal, neotecnista e neocapitalista, que ‘camufla’ os princípios de formação e de desenvolvimento humano e cidadão do ser, dando ênfase ao preparo da pessoa para desenvolver bem suas ações no mercado de trabalho, contribuindo assim, para que os empresários ascendam cada vez mais social e politicamente (Silva; Carvalho, 2021c). Na Constituição Federal (CF) de 1988, em seu

Artigo 205 discorre que “[...]a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 2016, p. 123).

Sabe-se, inclusive, que não é possível o ser humano viver sem trabalho e que o trabalho é essencial para que esse ser possa assumir-se e se reconhecer como sujeito coparticipe da transformação da sociedade. O que se pretende com esse debate, que pode ser entendido também como uma denúncia a respeito do que as políticas neoliberais querem restringir a educação, é chamar a atenção a respeito dos princípios que contemplam “[...] o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania” (Brasil, 2016, p. 121).

Entende-se que se a educação assumir o compromisso com a formação desses dois princípios, certamente contribuirá e garantirá a humanização e formação holística do aprendente. Essa formação contribuirá para favorecer a compreensão acerca da relevância do trabalho, porém tal apreensão, potencializará a esse ser perceber-se como sujeito histórico-social-político que também é capaz de ascender por meio do seu trabalho.

Discorre-se, que, com essa discussão, não se pretende tirar a importância das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, porém deseja-se esclarecer que não são elas as únicas responsáveis pela formação da pessoa em seus múltiplos aspectos, haja vista que o estudante está imerso em contexto que é social-político-econômico-cultural-educacional-ético-ambiental-familiar, o que requer necessariamente a construção do conhecimento nas variadas áreas (Ciências Sociais, Humanas, Biológicas e Naturais).

Então, por essas razões, decidiu-se escrever este texto, o qual vislumbra também conchamar a necessidade de a escola e de os cursos de Licenciatura em Pedagogia e demais áreas da docência/educação entenderem a Geografia como disciplina essencial para provocar tanto o ser que ensina, quanto aquele que aprende a se perceber histórico-crítico-reflexivo dentro do processo de ensino-aprendizagem e dentro da sociedade onde está inserido. Para reafirmar que o ensino de Geografia se configura como uma ação indispensável, complexa, mas significativa.

Nessa perspectiva, destaca-se que este estudo possui relevância pessoal, social e acadêmica. No aspecto pessoal, potencializa aos autores denunciarem, por meio da escrita acadêmica, as imposições neoliberais e neocapitalistas impostas à educação, que insistem em transformar a educação em uma mercadoria (Silva; Carvalho, 2021c), assim como favorece a superação de lacunas acerca dos estudos dessa disciplina, que é tão importante para a reflexão-crítica do sujeito, mas que ainda é desvalorizada.

No social, conclama-se aos profissionais da educação a se assumirem-se como agentes de mudança e de (trans)formação da pessoa. No âmbito acadêmico, essa perspectiva possibilita aos estudantes das Licenciaturas, especialmente aos do curso de Pedagogia - romper com os paradigmas de que a Geografia é uma disciplina de segundo plano no processo educativo, porque os conteúdos de sua malha curricular podem ser ‘decorados facilmente’. Em contraposição, defende-se uma formação criativa, reflexiva e interdisciplinar.

Reafirma-se que o ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental potencializa a formação do sujeito que pensa e que entende o porquê dos acontecimentos à sua volta. Quando esse ensino decorre pautado de *quefazeres* interdisciplinares é mais relevante, pois favorece ao ser da aprendizagem e do ensino a olharem para o objeto de estudo em seus variados aspectos e âmbitos.

Assim sendo, este estudo se trata de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, o qual objetiva refletir sobre as vivências transformadas em experiências, vividas no 6º período de Pedagogia, a partir dos debates oportunizados na/pela disciplina de “Conteúdos, metodologias e práticas do ensino da Geografia”, na UPE - *Campus* Petrolina. Para tecer este relato, buscou-se ainda responder ao questionamento: Como é mediado o processo de ensino-aprendizagem da disciplina no 6º Período de Pedagogia da UPE, *campus* Petrolina?

Para responder ao objetivo e ao problema, o estudo aporta-se em Callai (2005), que defende a necessidade de o ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental potencializar a realização da leitura de mundo, desenvolvendo assim, a compreensão desse mundo à sua volta. Em Larrosa Bondía (2002, p. 21), por defender que a experiência “[...] é o que nos toca e nos acontece [...]”, ou seja, é uma ação que adentra profundamente, tanto no ser que ensina, quanto naquele que aprende, para a partir disso, esses sujeitos serem capazes de realizarem novas compreensões e infinitas transformações.

Ainda, em Silva e Carvalho (2021b), por permitirem a afirmação de que, por meio do interdisciplinar, é possível contribuir para que o aluno, a partir da Geografia, compreenda as questões sociais, econômicas, políticas, educacionais, pois esse saber-fazer favorece a formação do sujeito em sua totalidade e para a complexidade.

Por conseguinte, destaca-se que este relato de experiência está organizado em três seções. Na primeira, dialoga-se sobre o ensino de Geografia e sua importância para a formação do ser pensante nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Na segunda, reflete-se sobre a interdisciplinaridade como movimento que se desencadeia em transformação, mudança, inovação e favorece a formação humana do ser. Na terceira, apresenta-se as ações vivenciadas

na disciplina de Conteúdos, metodologias e práticas do ensino de Geografia, no 6º período de Pedagogia, as quais se tornaram experiências exitosas.

## **2 O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR CRÍTICO-REFLEXIVO**

*Do ponto de vista da Geografia, esta é a perspectiva para se estudar o espaço: olhando em volta, percebendo o que existe, sabendo analisar as paisagens como o momento instantâneo de uma história que vai acontecendo. Essa é a leitura do mundo da vida, mas que não se esgota metodologicamente nas características de uma Geografia viva e atual [...] (Callai, 2005, p. 235).*

Parte-se dessa reflexão da autora para dialogar a respeito da relevância do ensino da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esse ensino se faz relevante, porque possibilita ao estudante nessa etapa da Educação Básica entender os conceitos de lugar, tempo, espaço, paisagem e território e compreendê-los de forma contextualizada e reflexiva.

Infelizmente, ainda se observam comentários a respeito da disciplina de Geografia, como sendo secundária, sem grande importância, que não precisa estudar. Haja vista que são as disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática, que contemplam o processo de avaliação externa das escolas, as quais assumem um papel de maior relevância no processo de ensino-aprendizagem.

Sendo considerada como irrelevante, o processo de ensino-aprendizagem em Geografia se configura como um exercício técnico, padronizado, descontextualizado, irreflexivo, homogêneo, que se desencadeia na memorização exacerbada do conteúdo, transmitido pelo professor que é o detentor do conhecimento.

Entretanto, Callai (2005) ressalta quão valorosa se faz a Geografia, haja vista que o seu real papel consiste em possibilitar que os alunos possam compreender o mundo à sua volta a partir da leitura das realidades que coexistem. Nessa perspectiva, a Geografia deve ser mediada com vistas ao processo de ação-reflexão-ação, tornando-se viva, atual, reflexiva, investigativa e, principalmente compreensiva.

Defende-se, que, com essas características, o ensino-aprendizagem de Geografia contribui para a formação humana, pois parte das realidades que coexistem - as pessoas e a sociedade, e colabora para que o aluno e o professor atribuam sentido e significado para os conceitos refletidos/aprendidos/apreendidos.

Nesse sentido, enfatiza-se que o ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental tem relação direta com a formação cidadã, porque possibilita ao ser aprendiz reconhecer-se a si, à sociedade e a discutir questões e temas relacionados às realidades sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais do meio onde está imerso.

Sendo assim, destaca-se que a Geografia contribui relevantemente para o processo de humanização da pessoa, por isso, deve ser mediada nos anos iniciais do Ensino Fundamental de forma interdisciplinar, promovendo uma compreensão ampla e o desenvolvimento crítico-consciente do estudante sobre as complexidades que coabitam o meio, as pessoas e a natureza.

## **2.1 Historicizando o ensino de Geografia**

Feita a reflexão anterior sobre a importância da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, compete aqui um debate acerca da trajetória pela qual essa disciplina passou, no Brasil. O início das discussões sobre os conteúdos, que deveriam ser ensinados, ocorreu por volta dos anos 1837, no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, tendo como foco a formação da elite e visando o espírito patriota e nacionalista.

Nesse período, a Geografia enfatizava o ensino de paisagens naturais do território brasileiro e tudo que concordava com as bases do Estado-Nação para que os estudantes de elite se tornassem patriotas exemplares (Woitowicz; Lindino, 2015).

Para essas autoras, a Geografia era desenvolvida mediante a abordagem mnemônica, a qual consistia em um ensino baseado em enumeração, nomenclaturas e memorização, assumindo um papel secundário para o sistema educacional. Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem era revestido por uma abordagem tradicional, mecânica, padronizada, aportada pelo processo de memorização, de absorção e de reprodução de informações transmitidas. Ademais, os conteúdos aconteciam de forma desarticulada e fragmentados, favorecendo um ensino descontextualizado e sem sentido para os alunos.

Logo, depois de algumas décadas, a abordagem mnemônica não dava mais conta de suprir as necessidades da sociedade. Com isso, a Nova Geografia surgiu como crítica à Geografia tradicional, na década de 1950, modificando o ensino geográfico e visando uma formação mais científica, abstrata, técnica e subsidiada por leis e padrões que se distanciam das realidades dos estudantes.

Por conseguinte, com as modificações mundiais e os movimentos de renovação desse ensino, surge a Geografia crítica, a qual se encontra com uma abordagem cognitiva, que tem como foco, romper com a pseudoneutralidade científica e estabelecer uma relação interacionista entre docente-discente-conteúdo. Nesse modelo, o ensino-aprendizagem é problematizador e comprometido com a formação da pessoa e com a construção de sentidos.

Mediante essa abordagem, a Geografia prima por uma ensinagem crítico-reflexiva, que pressupõe apreensão dos conteúdos ensinados mediante a compreensão a respeito desses conteúdos, como destacam (Anastasiou; Alves, 2015). Nessa perspectiva, o ensino-

aprendizagem transcende a neutralidade e assume um compromisso/posicionamento crítico para compreender as realidades, as desigualdades, os conflitos e as transformações que coexistem/ocorrem no espaço/meio.

Atualmente, mesmo com modificações e reivindicações educacionais por um ensino significativo da Geografia, ainda se percebem práticas pedagógicas mecânicas e focadas no ensino das paisagens naturais, da cartografia e da geopolítica do planeta de forma isolada/desconexa. Nessa lógica, entende-se que, quando a Geografia assume tal postura, contribui para que o potencial crítico sobre a leitura do mundo e da vida, que potencializa a construção do senso crítico dos estudantes em seus múltiplos aspectos, seja perdido.

De acordo com Callai (2005), a leitura do mundo/da vida ocorre por intermédio da análise crítica não apenas das paisagens, mas também dos espaços/elementos que coabitam as realidades dos sujeitos. Essa autora permite enfatizar que essa leitura contribui, principalmente, para o entendimento a respeito do motivo de existirem oportunidades diferentes entre as diversas classes sociais, assim como favorece reflexões/compreensões sobre as ações realizadas no dia a dia da criança.

Essa reflexão envolve a percepção e a criticidade a respeito dos elementos existentes no trajeto de casa até a escola, da observação do tempo e do clima em diferentes estações do ano, das mudanças em torno do contexto em que o estudante está inserido. Tais ações favorecem o desenvolvimento e a reflexão-crítica-cidadã do estudante.

Nesse contexto, percebe-se o potencial que a disciplina de Geografia carrega para a construção de um olhar crítico sobre as diferenças e as desigualdades sociais existentes no meio em que os estudantes vivem. Para isso, é preciso que a mediação do ensino-aprendizagem seja subsidiada por compreensões, as quais estabeleçam uma visão reflexiva mediante diálogos e debates sobre questões cotidianas, vislumbrando assim, a formação holística do ser aprendente.

Nessa mesma vertente, destaca-se ser indispensável entender que o ensino da Geografia precisa, contemplar, de fato, o processo de ensinagem, sob o qual a ação educativa se desencadeia na construção do conhecimento sistêmico, que envolve o entendimento sobre as situações sociais-econômicas-culturais-políticas-globais de forma integrada com a realidade dos alunos, da escola e da sociedade.

Esse ponto de vista dialoga com o pensamento de Silva e Carvalho (2021b, p. 5), quando enfatizam a necessidade de o processo formativo do docente, no caso deste texto, do pedagogo constituir-se como “[...] à aquisição não apenas de um bom rendimento, mas à construção e à reflexão de aprendizagens significativas, as quais serão úteis no seu dia a dia de pessoa e de futuro profissional [...]”.

Vale ressaltar, que a Geografia é uma disciplina ampla que possibilita a interdisciplinaridade com outros componentes curriculares, como História, Língua Portuguesa, Artes, Ciências e Matemática, favorecendo assim, a formação integral dos estudantes. Segundo o pensamento de Oliveira *et al.* (2018, p. 8),

[...] a Geografia, quando trabalhada de forma interdisciplinar, possibilita uma maior contextualização e aproximação do aluno com aquilo que está sendo abordado em sala de aula, como assuntos de cidadania, a diversidade cultural, étnica, religiosa e a reflexão sobre as desigualdades sociais, bem como a compreensão de como o processo histórico influenciou na formação e estruturação da civilização.

As ideias desses autores reforçam o pensamento mencionado sobre a importância de o ensino de Geografia contemplar a interconexão de saberes/conhecimentos entre as diversas disciplinas do currículo escolar, tendo em vista que a interdisciplinaridade se constitui por um movimento que possibilita um ensino significativo e dinâmico tanto aos professores, quanto aos discentes, pois o *quefazer* docente se desenvolve por meio de ações/categorias, que potencializam a contextualização e a interconexão entre os conhecimentos favorecendo, de fato, o desenvolvimento do aluno.

### **3 INTERDISCIPLINARIDADE: REFLEXÃO SOBRE O SEU PAPEL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

*É preciso desconstruir nossa formação disciplinar, bancária, linear, para que possamos desafiar a construir com humildade nossa trajetória profissional, reconhecendo nossas limitações e do outro, nos disponibilizando ao trabalho coletivo como seres inacabados que somos (Muenchen; Saúl, 2020, p. 204).*

Diante dessa afirmativa das autoras, reflete-se sobre o papel que a interdisciplinaridade assume no processo de ensino-aprendizagem. Por meio dessa ação, rompe-se com o ensino dogmático, conteudista, padronizado, uniformizado, linear, cheio de fronteiras. A partir do *quefazer* interdisciplinar potencializa-se a contextualização e o desenvolvimento do processo de ação-reflexão-ação sobre o ensinado.

Mediante esse processo, o profissional da educação pensa a respeito do que ensinar, de como ensinar e para quem irá ensinar; em seguida pensa sobre o trabalho realizado, buscando perceber as questões que não foram entendidas/apreendidas, para ressignificá-las, *a priori*, e, *a posteriori*, mediar uma ação nova subsidiada de novos significados.

Nessa lógica, destaca-se que o interdisciplinar contempla a formação holística, autônoma, consciente, crítico-reflexiva e complexa da pessoa, potencializando-a a

perceber/entender as nuances acerca dos aspectos que o constitui no contexto: social, político, econômico, educacional, político e global.

O desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar é revestido por ações inovadoras, as quais contemplam a aprendizagem significativa. Na visão de Silva e Carvalho (2021a), essa aprendizagem favorece a formação humana, de modo que o ser aprendente possa constituir-se enquanto ser que pensa, que reflete, que toma decisões e que é capaz de mudar situações em seu meio.

As discussões sobre interdisciplinaridade coadunam com o desempenho da ação educativa com vistas à ruptura das propostas de ensino acerca da fragmentação e da disciplinarização/pluridisciplinarização do ensino-aprendizagem. Enfatiza-se que a disciplinarização trata-se de um processo de valorização das disciplinas de forma isolada, ou seja, entre os debates sobre os conteúdos ensinados existem fronteiras, as quais inviabilizam a contextualização entre os conhecimentos. Enquanto que a pluridisciplinarização do ensino consiste em um processo, sob o qual, um único conhecimento é reforçado nas/pelas diferentes disciplinas (Silva; Carvalho, 2021b).

É válido evidenciar que, quando se pensa no exercício da prática educativa calcada na interdisciplinaridade, não se propõe descartar as disciplinas, pois é a partir delas que são desempenhadas as propostas interdisciplinares. Nas disciplinas estão os objetos de conhecimentos, que precisam dialogar entre si (Lenoir, 2002). Assim como não se pode deixar de evidenciar que o diálogo acerca da interdisciplinaridade se constitui de uma abordagem complexa, haja vista os conflitos que são causados acerca da compreensão sobre essa ação, que na maioria das vezes é entendida/confundida com a pluridisciplinaridade.

Nesse sentido, recorre-se a Fazenda (2013) que conclama a necessidade de entender, inicialmente como é se sentir/perceber interdisciplinar, para depois pensar e atuar interdisciplinarmente. Para essa autora, ao sentir-se/perceber-se interdisciplinar, o professor consegue (re)conhecer-se a si próprio e aos seus alunos em todos os aspectos que os constituem: social, cultural, ético, religioso e político.

Dessa forma, quando a mediação do processo de ensino-aprendizagem em Geografia é aportada pela interdisciplinaridade, conseqüentemente será desenvolvida fundamentada por mudanças, ousadas, coragem, humildade, autonomia, consciência, contextualização, atitude, compreensão, entre tantas outras ações, denominadas por Fazenda (2002) de categorias da interdisciplinaridade.

Revestido pela postura interdisciplinar, o docente/pedagogo que ensina Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental transcende a ação do fazer pedagógico tradicional, pois seu *quefazer* docente é constituído por uma perspectiva científica (de conhecimento /

entendimento epistemológico sobre o interdisciplinar e o conhecimento científico da disciplina), que subsidiam o desempenho da *práxis* pedagógica (saber-fazer, por meio da transposição didática dos conteúdos ensinados de forma reflexiva e inovadora), Assim, possibilitando a compreensão sobre o ser aprendente e o mundo em que ele vive, dentro de um enfoque holístico.

Ao se pensar na compreensão desse ser dentro de uma perspectiva holística, estende-se o diálogo para o campo da globalização do conhecimento. Dessa forma, esse conhecimento versa pela exigência de mudança epistemológica com vistas à compreensão de como os fenômenos se desenvolvem no meio em que os sujeitos, aluno e professor estão inseridos, como defende Burke (2016).

À medida em que acontecem mudanças nesse meio, surge, então, a necessidade de o contexto educativo avançar/mudar para atender as especificidades da sociedade, conforme a época e, assim, romper com os paradigmas que não atendem mais às exigências de um determinado tempo.

É importante elencar ainda, que na visão de Japiassu (1994), a interdisciplinaridade é compreendida como a cura para os males provocados pelo ensino fragmentado/disciplinar devido ao movimento realizado no processo educativo de ir e vir em busca do conhecimento e de como se dá a construção desse conhecimento. Nesse sentido,

[...] o professor interdisciplinar visita situações novas e revisita velhas, transita entre os fragmentos da história e a memória educacional, faz elos, tece a sua prática a cada dia. Ele se faz ponte, oferece ao educando acesso ao conhecer, permite que ele passe para um estado mais elevado de ser; para além do que é, superando-se (Kachar, 2002, p. 77).

Frente a esse debate da autora, afirma-se então, que no dia a dia da sala de aula, nesse caso, da aula de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, quando o professor se fundamenta em conhecimentos interdisciplinares, consegue mediar sua ação docente, de modo que os procedimentos didático-pedagógicos se articulem com a vida e as realidades do aluno. Essa abordagem potencializa a construção de uma leitura de mundo, de fato, reflexiva e compreensiva.

A partir disso, evidencia-se que a interdisciplinaridade tem papel relevante no processo de ensino-aprendizagem, visto ser uma ação que decorre de um movimento dinâmico, o qual permite a construção de conhecimentos emancipatórios e à transformação do ser em suas particularidades e na/para a totalidade.

Na visão de Gomes e Silva (2018), é indispensável que o sujeito seja posto de frente com as situações do seu meio, para refletir sobre tais situações e assim poder constituir-se de

forma omnilateral, vislumbrando assim a formação e “[...] o desenvolvimento do sujeito histórico, social e cultural” (Gomes; Silva, 2018, p. 374). Tal qual essa reflexão dos autores, é a interdisciplinaridade, pois essa ação constitui-se como “[...] movimento que contribui para que o ensinar/aprender consista em um processo de mão dupla que deslumbra humanização entre saber e ser mais” (Silva; Carvalho, 2021b, p. 65).

Diante disso, destaca-se, pois, que mediar o processo de ensino-aprendizagem de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir do *quefazer* interdisciplinar é urgente, pois mediante esse processo, certamente, tanto o ser que ensina, quanto o ser aprendiz, conseguirá entender, refletir, buscar soluções e/ou transformar as situações que afetam a sociedade, a educação, as classes diferentes dos padrões expostos por essa sociedade, que ainda é tão excludente e conservadora. Ou seja, mediante esse ensino é possível contribuir para que o ser humano se humanize, constitua-se como SER MAIS e não se permita jamais SER MENOS (Freire, 2020).

#### **4 UMA EXPERIÊNCIA DIALÓGICA NO PROCESSO FORMATIVO DA DISCIPLINA CONTEÚDOS, METODOLOGIAS E PRÁTICAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA**

*[...] a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa Bondía, 2002, p. 24).*

Diante desse ponto de vista do autor, elenca-se, pois, que o termo “experiência” é complexo e não apresenta apenas uma concepção. Neste relato, apoia-se no conceito de experiência defendido por Larrosa Bondía (2002) como uma ação que transcende uma vivência e que deixa uma marca, pelo fato de tocar profundamente o ser. Esse mesmo autor reflete ainda, que a experiência consiste em um fenômeno que atinge o sujeito internamente, pois ao tocá-lo, potencializa-o à reflexão e à reconstrução de novos conhecimentos.

Ademais, elenca-se aqui que a experiência que tocou de forma profunda a turma do 6º período do curso de Licenciatura em Pedagogia, na UPE, *Campus* Petrolina, ocorreu na vivência da disciplina “Conteúdos, metodologias e práticas do ensino de Geografia”, a qual está integrada na malha curricular de 2019 do curso.

A disciplina tem o objetivo de formar pedagogos que compreendam a Geografia não só como disciplina, mas também, como uma ciência que estuda questões que vão além de paisagens, territórios e regiões. No Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Pedagogia da UPE, a ementa discute sobre o

[...] estudo da Geografia como ciência e como disciplina e suas categorias de análise como região, território e lugar. A Geografia no Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano possibilidades e atribuições do profissional professor no processo de estudo da paisagem e suas interfaces com a natureza e a sociedade. As concepções de ambiente e sustentabilidade no processo ensino-aprendizagem e as propostas de trabalhar a ludicidade no ensino de Geografia. O letramento geográfico como estruturante ao equilíbrio, rumo e fortalecimento das emoções humanas e da sociedade. Ensinar e aprender a partir do vivido e aprendido da criança e do adolescente (Universidade de Pernambuco, 2019, p. 141).

À vista disso, elenca-se que a Geografia é formada por uma multiplicidade de reflexões, a qual potencializa a realização de um trabalho didático-pedagógico interdisciplinar. Esse trabalho é defendido por Gomes e Silva (2018, p. 378, grifos nossos) como “[...] formação omnilateral, capaz de favorecer o desenvolvimento integral *do ser aprendente* ao articular o desenvolvimento das dimensões intelectual, tecnológica e corporal, *dando* possibilidades de pensar uma educação *crítico-reflexiva-inovadora-interdisciplinar*”.

Nessa perspectiva, ressalta-se que as experiências vivenciadas na disciplina se desenvolveram de forma interdisciplinar e omnilateral, pois contemplaram a leitura do mundo e da vida mediante a conexão com outras disciplinas e com o cotidiano dos acadêmicos. Enfatiza-se, ainda, que mediante esse trabalho, a disciplina ocorreu de forma leve, dinâmica e lúdica, iniciando com o estudo de artigos e literaturas sobre o ensino de Geografia, com o intuito de construir uma base teórica-reflexiva sobre a ciência geográfica e sua importância para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

No primeiro momento, quando se apresentou a ementa, que é organizada com carga horária de 90h/a, sendo 60h/a teóricas e 30h/a práticas (Universidade de Pernambuco, 2019), e foram divididas em duas unidades, ocorreram relatos sobre os traumas, oriundos do ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em que o processo de ensino-aprendizagem da disciplina aportava-se na memorização, na reprodução daquilo que a professora transmitia, na absorção de informações descontextualizadas, desvinculando-se da premissa “[...] ensinar e aprender a partir do vivido e aprendido da criança e do adolescente” (Universidade de Pernambuco, 2019, p. 141).

Essas reflexões iniciais provocaram um debate contundente entre os alunos e a professora, o qual possibilitou a compreensão de que a Geografia é indispensável para a formação crítica dos alunos.

Destaca-se também, que, se o processo de ensino-aprendizagem dessa disciplina nos anos iniciais do Ensino Fundamental for mediado por um pedagogo, que além de entendê-la nos aspectos científicos, precisa compreendê-la por meio de uma epistemologia de *práxis* reflexiva/interdisciplinar, certamente se perceberá e refletirá sobre as diversas situações que coexistem - o meio, o espaço e a sociedade.

Em outra oportunidade, foi proposta a construção de um jogo didático, para mediar o ensino da Geografia nos anos iniciais, acompanhado da elaboração de um plano de aula interdisciplinar, no qual contemplasse o diálogo e a interconexão entre todas as outras disciplinas (Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências, Arte) para, a *posteriori*, ser apresentado para toda a turma.

Esse movimento causou desequilíbrio à turma, que estava acostumada com o planejamento e com a apresentação de seminários. Silva e Carvalho (2021a, p. 14) enfatizam que quando o processo educativo é configurado por ações provocativas, “[...] certamente se configura na ação do devir para se buscar caminhos favoráveis à melhor aprendizagem” do aluno.

Tal proposta coaduna com o que a ementa da disciplina propõe como relevante, ao enfatizar que o processo de ensino-aprendizagem de Geografia deve ocorrer aportado por meio de ações lúdicas, que vislumbrem o fortalecimento dos conhecimentos do ser aprendente. Esse, que também é corresponsável pelo avanço e pelas transformações da sociedade, por isso deve assumir-se como sujeito social-histórico-criativo-consciente-crítico.

Para a realização dessa atividade, a turma foi dividida em quatro equipes, as quais escolheram as séries/turmas e os conteúdos de Geografia propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que seriam utilizados como ponto de partida para interconectar com os diversos conhecimentos propostos pelas demais disciplinas. As apresentações ocorreram por meio de aulas dinâmicas, lúdicas e interdisciplinares.

Essa etapa foi relevante para que os alunos da turma pudessem compreender o quão é imprescindível ensinar Geografia na escola a partir da interdisciplinaridade, assim como essa ação é crucial para a ruptura dos paradigmas construídos acerca da disciplina no decorrer da Educação Básica. O *quefazer* interdisciplinar constitui-se de uma ação ampla, inovadora e lúdica, que favorece ao ser aprendente uma formação ontológica e holística.

É importante acrescentar ainda, que aquele desequilíbrio relatado anteriormente, foi essencial para a construção de saberes docentes, os quais são responsáveis pela construção de uma identidade emancipatória. Para Cunha (2007, p. 34)

[...] o professor é um profissional que detém saberes de variadas matizes sobre a educação e tem como função educar crianças, jovens e adultos. Por isso, o ‘saber profissional’ que orienta a atividade do professor insere-se na multiplicidade própria do trabalho dos profissionais que atuam em diferentes situações e que, portanto, precisam agir de forma diferenciada, mobilizando diferentes teorias, metodologias, habilidades. Dessa forma o ‘saber profissional’ dos professores é constituído não por um ‘saber específico’, mas por vários ‘saberes’ de diferentes matizes, de diferentes origens, aí, incluídos também, o ‘saber-fazer’ e o saber da experiência.

Esse debate coaduna com o ponto de vista de Silva, Silva e Carvalho (2021, p. 4) quando destacam a necessidade de a universidade possibilitar ao “[...] estudante universitário colocar-se frente às nuances do exercício docente, dos saberes e dos conhecimentos que necessitam ser construídos durante esse processo [...]”. Enfatiza-se também que esses múltiplos saberes são indispensáveis para a formação do pedagogo crítico-reflexivo.

Para encerrar a primeira unidade, foi realizada uma resenha sobre o texto “Da epistemologia à arte de ensinar Geografia” das autoras Eliete Woitowicz e Terezinha Côrrea Lindino, publicado nos Anais do V Seminário Nacional Interdisciplinar em Experiências Educativas, no ano de 2015.

Esse texto, além de fazer uma breve reflexão histórica sobre o ensino de Geografia no Brasil, convida o leitor a entender que esse ensino potencializa ao professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental mediar o processo de ensino-aprendizagem de forma significativa e com vistas às realidades dos alunos.

Na segunda unidade, a professora oportunizou à turma estimular o senso crítico e criativo sobre o ensino de Geografia, a partir da apresentação de textos, que contemplavam propostas didático-pedagógicas inovadoras e interdisciplinares. As apresentações dos textos foram realizadas mediante a técnica do programa de TV, de trechos de filmes e de música, do júri simulado e da lanchonete. Cada grupo tinha que trazer as principais ideias dos textos por meio da metodologia proposta.

Enfatiza-se que as analogias entre as técnicas/dinâmicas propostas favoreceram a utilização de várias categorias da interdisciplinaridade dentre elas: a ação, a reflexão, a compreensão, a tecitura, a inovação, a ousadia, a coragem, dentre tantas outras. Ressalta-se que essas ações só foram possíveis, porque o processo formativo do pedagogo está revestido por saberes docentes, os quais favorecerão a aquisição de novas aprendizagens e novas

experiências, mediante o desenvolvimento da ação profissional do docente, que atua/atuará em espaços escolares ou não escolares.

É válido destacar que as apresentações foram proveitosas para o aprendizado de todos e contribuíram significativamente para a formação de pedagogos comprometidos com a mediação do processo de ensino-aprendizagem de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois potencializou a compreensão de que se esse ensino ocorrer subsidiado pela interdisciplinaridade, consegue, além de contribuir para que o aluno a apreenda como uma ciência que o potencializa a perceber o mundo e se perceber no mundo, corroborando com o pensamento de Oliveira *et al.* (2018, p. 9), quando esclarecem que

[...] na abordagem interdisciplinar, os conceitos geográficos, como espaço, lugar e paisagem, são contextualizados no viés de outras disciplinas de forma com que o aluno perceba as mudanças ocorridas no espaço geográfico, despertando assim, o sentimento de buscar alternativas sustentáveis para contribuir para um mundo melhor.

Por esta razão, para finalizar a disciplina, a turma coletivamente produziu um material, constituído por diversas estratégias interdisciplinares para o ensino da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esse material contém os planos de aula usados nas apresentações dos jogos, sugestões de atividades lúdicas e diferentes para ensinar a disciplina de uma forma leve, reflexiva e transformadora.

Em suma, a vivência do componente “Conteúdos, metodologias e práticas do ensino da Geografia” deixou uma marca significativa, tendo em vista que despertou o olhar crítico para as questões sociais, econômicas, culturais, como também, sobre o sistema educacional que não valoriza uma disciplina tão importante na malha curricular, por favorecer que a aprendizagem se desenvolva por meio da leitura de mundo.

Assim sendo, a experiência interdisciplinar, foi capaz de tocar profundamente aos estudantes que a vivenciaram, como permitiu, por meio da teoria e da prática, impulsionar os futuros professores para o desenvolvimento de um *quefazer* docente consciente, aportado pelo processo de ação-reflexão-ação.

## 5 REFLEXÕES FINAIS

*Os saberes necessários ao ensino são reelaborados e construídos pelos professores [...] e, nesse confronto, há um processo coletivo de troca de experiências entre seus pares o que permite que os professores a partir de uma reflexão na prática e sobre a prática, possam construir seus saberes necessários ao ensino. Desse modo os saberes dos professores aprendidos durante a formação inicial (saberes da disciplina e saberes da formação profissional) irão ser reformulados e se reconstruindo no dia a dia da*

*sala de aula, a partir dos saberes curriculares e da experiência e de outros saberes científicos da formação continuada e do desenvolvimento profissional (Cunha, 2007, p. 36).*

Portanto, com essa discussão, destaca-se o quão foi imprescindível discutir sobre o saber da experiência a partir deste relato, pois fica evidente que ao construí-lo, o pedagogo consegue agregar inúmeros outros saberes essenciais à construção de sua identidade e à formação de um *quefazer* docente transformador e emancipatório.

Desse modo, além dos saberes citados por Cunha (2007) e pelos que são apresentados no decorrer deste texto, faz-se indispensável que o processo formativo do pedagogo potencialize a reflexão para a construção do conhecimento interdisciplinar.

Sendo assim, destaca-se que os estudos realizados na disciplina Conteúdos, Metodologias e Práticas do Ensino de Geografia foram relevantes para despertar a atenção sobre as mudanças da sociedade, sobre as exigências ocasionadas pelas transformações sociais, assim como foram cruciais para impulsionar o egresso de Pedagogia para a compreensão de que o processo de ensino-aprendizagem se configura como uma ação indispensável à construção e à reflexão crítico-reflexiva tanto do ser que ensina, quanto daquele que aprende.

Enfatiza-se ainda, que a disciplina de Geografia passou por muitos empecilhos no Brasil para conseguir avanços e obter uma maior valorização no campo educacional. Contudo, ainda se percebe que a prática de memorização e a inferiorização do componente está muito presente em instituições de ensino por todo o país.

Entretanto, é relevante ressaltar, que frente à experiência aqui relatada, o curso de licenciatura em Pedagogia da UPE preocupa-se em ofertá-la aos futuros pedagogos mediante uma visão crítica, criativa e interdisciplinar.

Sublinha-se ainda, que não foram realizadas muitas atividades, porém as reflexões que foram oportunizadas contribuíram significativamente para a apreensão de que o ato de ensinar Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental deve contemplar o entendimento sobre as paisagens ao redor da escola e da casa do estudante, os aspectos relacionados ao clima e ao tempo das diferentes estações do ano, as questões sobre a geopolítica no país, sobre as questões políticas, culturais e globais que constituem o ser humano e a sociedade.

Ademais deve possibilitar o entendimento sobre as questões sociais e econômicas dos bairros, da sustentabilidade e da preservação do meio ambiente, para ao entrar na sala de aula, o aluno se perceber geograficamente no mundo e na vida, favorecendo aos futuros pedagogos pensar a Geografia de forma interdisciplinar o que abriu um leque de possibilidades para transformar o ensino em um ato amoroso e reverberado por múltiplos conhecimentos para os discentes, e para a própria *práxis* pedagógica do profissional da educação, o pedagogo.

É evidente que a caminhada para um ensino significativo da disciplina ainda está nos primeiros passos, mas dar o passo inicial é mais complexo e isso já se conseguiu fazer, quando foi vivenciada por meio de um *quefazer* interdisciplinar e humanizado na graduação. Perante isso, compete elencar ser indispensável que se continue estudando e propondo metodologias inovadoras e ressignificadas para o ensino da Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

É imprescindível ainda poder compartilhar tais estratégias com outras pessoas para que todos entrem na luta por um ensino de qualidade, que potencialize a visão de mundo e da vida por meio do ensino interdisciplinar de Geografia. Para finalizar, acredita-se que a experiência vivenciada foi positiva para a formação pessoal e profissional dos estudantes daquela turma.

Assim como se enfatiza que este relato de experiência poderá contribuir de forma relevante para a compreensão de que o ensino-aprendizagem de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental precisa ser mediado sob aportes teórico-metodológico-didático-pedagógico interdisciplinares.

Diante desses argumentos, afirma-se, pois que a disciplina Conteúdo, Metodologias e Práticas do Ensino de Geografia possibilitou o conhecimento e a ampliação dos múltiplos saberes essenciais à formação e a atuação docente, como favoreceu a compreensão, que associada à interdisciplinaridade, contempla um movimento de reflexão-crítica sobre o *quefazer* docente.

Para tanto, deixa-se aqui uma provocação para reflexões, *a posteriori*: Como é possível romper com o processo de ensino-aprendizagem monopolizador, o qual incita que as escolas brasileiras primem apenas por ensinar Língua Portuguesa e Matemática, desconsiderando a relevância do ensino de Geografia e das demais disciplinas da malha curricular nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. *Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. [e-book]*. 10. ed. Joinville - SC: Joinville, 2015.

BRASIL. SENADO FEDERAL. *Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 05 de outubro de 1988 com as alterações das emendas constitucionais de Revisão nº 1 – 6/94, pelas Emendas Constitucionais 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008*. Brasília - Senado Federal: Coordenação de Comissões técnicas, 2016. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 10 abr. 2026.

BURKE, P. *O que é história do conhecimento?*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2016.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Caderno Cedes*: Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227 – 247, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2026.

CUNHA, E. R. Os saberes docentes ou saberes dos professores. *Revista Cocar*. Belém – PA. v. 1. n. 2. p. 31 – 39. jul./dez., 2007. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar>. Acesso em: 10 abr. 2026.

FAZENDA, I. C. A. (org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

FAZENDA, I. C. A. (org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 73. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GOMES, M. dos S.; SILVA, V. P. da. Desafios para a educação da criança no Brasil: desenvolvimento omnilateral. *Revista Profissão Docente*. Uberaba – MG. v. 18. n. 39. p. 373-386. jul./dez., 2018. Disponível em: <https://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1204>. Acesso em: 10 abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.31496/rpd.v18i39.1204>.

JAPIASSU, H. A questão da Interdisciplinaridade. *In: Anais. SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR – Promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre em julho de 1994.*

KACHAR, V. Ponte. *In: FAZENDA, I. C. A. (org.). Dicionário em construção: Interdisciplinaridade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20 – 28, jan. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 10 abr. 2026.

LENOIR, Y. Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável. *In: FAZENDA, I. C. A. (org.). Didática e interdisciplinaridade*. Campinas – SP: Papyrus, 2002, p. 45-75.

MARINHO, P.; LEITE, C.; FERNANDES, P. “GERM infeccioso” nas culturas escolares: possibilidades e limites da política de autonomia e flexibilização curricular em Portugal. *Revista Currículo sem Fronteiras*. v. 19. n. 3, p. 923-943, set/dez. 2019. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/f8c4/3e03ef33b2228b90b2b581ad36d98a23f407.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2026.

MUENCHEN, C.; SAÚL, T. S. A interdisciplinaridade nas licenciaturas em Educação do Campo das Ciências Naturais: possibilidades e desafios. *Ensino Em Re-vista*, Uberlândia –

MG, v. 27, n. 1, p. 203-227, jan./abr. 2020. Disponível em:  
<https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/52753>. Acesso em: 10 abr. 2026.

OLIVEIRA, L. A. A. *et al.* A interdisciplinaridade e o ensino de geografia. In: *Anais. V CONEDU – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 17 a 20 de dezembro. Recife – PE, 2018.* Disponível em:  
[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO\\_EV117\\_MD1\\_SA2\\_ID\\_2747\\_10092018113906.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA2_ID_2747_10092018113906.pdf). Acesso em: 10 abr. 2026.

SILVA, G. M. da; CARVALHO, O. F. de. Saberes docentes - (re)construção do conhecimento profissional do egresso de Pedagogia: Abordagem interdisciplinar. *Revista Argumentos Pró-Educação*. Pouso Alegre-MG. v. 6. p. 1-24, 2021a. Disponível em:  
<http://ojs.univas.edu.br/index.php/argumentosproeducacao/index>. Acesso em: 10 abr. 2026.

SILVA, G. M. da; CARVALHO, O. F. de. O processo formativo de pedagogos: uma identidade, múltiplos saberes - ação interdisciplinar. *Revista Eletrônica Científica Interdisciplinar – RECEI*. Mossoró. v. 7. n. 20, março, 2021b. Disponível em:  
<https://natal.uern.br/periodicos/index.php/RECEI/about/submissions>. Acesso em: 10 abr. de 2026.

SILVA, G. M. da; CARVALHO, O. F. de. Reflexão sobre o pensamento freiriano e a profissionalização docente: diálogos possíveis entre a pedagogia libertadora e a formação do pedagogo. In: *Anais. CIESA – II CONGRESSO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO, SAÚDE E AMBIENTE. 17/11/2021 – 19/11/2021. Petrolina: UPE, 2021c.* Disponível em: <https://w2.solucaoatrio.net.br/somos/upe-ppgfppi/index.php/pt/avisos/246-ciesa>. Acesso em: 10 abr. 2026.

SILVA, J. F. da; SILVA, G. M. da; CARVALHO, O. F. de. A monitoria como processo de reflexão na formação docente. *Revista Profissão Docente – RPD*, Uberaba – MG, v. 21, n. 46, p. 01-23, jan./dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31496/rpd.v21i46.1392>. Acesso em: 10 abr. 2026.

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO. Universidade de Pernambuco Campus Petrolina - PE. *Projeto Pedagógico de Curso: Licenciatura em Pedagogia - Campus Petrolina, PE, 2019.* Disponível em: <https://www.upe.br/petrolina/graduacao/cursos/licenciatura-em-pedagogia/projetos/>. Acesso em: 10 abr. 2026.

WOITOWICZ, E.; LINDINO, T. C. Da epistemologia à arte de ensinar geografia. In: *Anais. V SEMINÁRIO NACIONAL INTERDISCIPLINAR EM EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS. 20-22 de maio de 2015.* p. 1473-1484. Disponível em: [http://cac.php.unioeste.br/eventos/senieeseminario/anais/Eixo6/da\\_epistemologia\\_a\\_arte\\_de\\_ensinar\\_geografia.pdf](http://cac.php.unioeste.br/eventos/senieeseminario/anais/Eixo6/da_epistemologia_a_arte_de_ensinar_geografia.pdf). Acesso em: 10 abr. 2026.


## **SOBRE OS AUTORES**

*Vitória de Vasconcelos Quezado* é graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina. Vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sociologia (SODÉ).

✉ [vitoria-quezado@hotmail.com](mailto:vitoria-quezado@hotmail.com)

id <https://orcid.org/0009-0005-9729-3456>


*Genilda Maria da Silva* é mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPPI) da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina. Especialista em Psicopedagogia e graduada em Pedagogia. Atualmente, é professora da Educação Básica da rede municipal de Petrolina – PE e docente substituta da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, Brasil.

 [genilda.msl@hotmail.com](mailto:genilda.msl@hotmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-6764-9280>

*Odair França de Carvalho* é Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia e pós-doutor em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto. Professor adjunto da Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina. Atualmente, é coordenador-geral de Extensão e Cultura da Universidade de Pernambuco, Campus Recife, e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Espaços Escolares e Não Escolares do Sertão Pernambucano (GEPESPE).

 [odair.carvalho@upe.br](mailto:odair.carvalho@upe.br)

 <https://orcid.org/0000-0003-4864-4510>

*Recebido em 22 de abr. de 2024.  
Aprovado em 04 de abr. de 2026.  
Publicado em 06 de maio de 2026.*